

heterotopia e vitalismo: por uma arte vitalista | jorge vasconcellos*

Beatriz Scigliano Carneiro. *Relâmpagos com claror: Lygia Clark e Hélio Oiticica, vida como arte*. São Paulo, Editora Imaginário/FAPESP, 2004, 296 pp.

O livro de Beatriz Scigliano Carneiro, *Relâmpagos com claror: Lygia Clark e Hélio Oiticica, vida como arte*, toca em um tema urgente de nosso tempo. No que diz respeito à problemática estética, este poderia ser assim formulado: há na arte contemporânea, especialmente naquela que se propõe a ser renovadora, uma relação intrínseca entre arte e vida. Essa parece ser a hipótese geral do ensaio, construída sob o prisma de uma idéia-força creditada ao filósofo francês Michel Foucault — a noção de “heterotopia”. O intuito da autora é, resumidamente falando, investigar a vida como obra de arte nos trabalhos de Lygia Clark e Hélio Oiticica. No entanto, uma idéia cara ao chamado “primeiro Foucault”, proveniente justamente de suas leituras de Georges Bataille, faz-se também importante. Trata-se de pensar a transgressão neste fazer a obra, neste “obrar”. Essa vinculação à transgressão e ao transgredir surge no ensaio por intermédio de uma discussão-problema: qual a relação entre transgressão e autoria da obra? E mais, essa relação que faz do transgredir o que é posto pelos cânones estabelecidos, no tocante à constituição das obras, não só implodiria a noção clássica de autoria, como também, estabeleceria, justamente, uma ligação entre obra e vida? Essa ligação entre vida e obra, na verdade, não

*Professor no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Gama Filho/RJ.

nos colocaria diante da junção indissociável entre a estética e a ética?

Essas questões aparecem problematizadas, nem sempre de modo explícito, ao longo da leitura do livro de Scigliano, e gostaria de, antes de apresentar o ensaio propriamente dito, introduzir um certo movimento no texto em questão. Talvez fazê-lo ranger, isto é, produzir ruído nos interstícios do que o texto não diz, fazendo-o, assim, falar para além de suas palavras, provocando, de fato, o que seja uma resenha: estabelecer diálogo com a *escritura* a ser resenhada.

Sigo, de modo sucinto, o seguinte procedimento: em primeiro lugar, traço o ponto que liga as duas idéias foucaultianas presentes no ensaio: a noção de heterotopia e o tema da “estética da existência”. Em segundo lugar, procuro mostrar em que medida estas idéias foucaultianas, apropriadas pela autora, diga-se de passagem de modo extremamente rigoroso, claro e muito bem escrito, associam-se em sua interpretação à obra de Hélio Oiticica e de Lygia Clark. E, por fim, como estas idéias, em sua apropriação e interpretação das obras dos artistas retrocitados, implicam uma visada estética, a saber: a arte é mais do que um elemento de transgressão das normas estabelecidas em uma dada sociedade; a arte, ela mesma, é transformação da própria vida, já que transformação nesses termos, pensando-a nietzschianamente, é transmutação de valores, adesão absolutamente radical à vida, produção de um pensamento estético vitalista.

A noção de heterotopia talvez possa ser considerada, em certa medida, como um termo bastante periférico na obra do filósofo francês. Apesar desta aparecer em *As palavras e as coisas*, obra nodal da *démarche* foucaultiana, somente em uma conferência ao Círculo de Estudos

Arquiteturais em Paris, proferida em março de 1967 (publicada posteriormente em *Dits et Écrits*, vol. IV, pp. 752-762), que ela ganharia estofa teórico para ser entendida como um operador conceitual. Não obstante, Foucault em seguida a esse período, de certo modo, parece abandoná-la. Heterotopia, naquela ocasião, passava a designar a coexistência em uma espécie de espaço impossível ou improvável, o que nas próprias palavras foucaultianas seria estabelecida “com um grande número de mundos possíveis fragmentários”. Referindo-se primordialmente à literatura e a literatos, mais especialmente a alguns textos de Jorge Luis Borges, a idéia comporta uma justaposição ou superposição de espaços incommensuráveis uns aos outros. Assim, as personagens já não contemplam como desvelar ou desmascarar um mistério central de uma dada trama, concebida em um certo espaço, em um certo tempo. Elas, em vez disso, eram forçadas a perguntar “Que mundo é este? Qual dos meus eus deve fazê-lo?”, provocando uma cisão no espaço constituído e o abandono do tempo constituinte, passando, então, à construção de novos espaços em um tempo absolutamente contraído. Foucault desloca completamente as preocupações, então em voga, em relação ao sentido do tempo, como, por exemplo, o tempo narrativo, para pensar a constituição dos espaços, do que ele chamou de “espaços outros”. Contraposta à idéia de utopia, as heterotopias pretendem descrever, de modo sistemático, a construção desses novos espaços que comportem o impossível, que instaurem o novo; justapondo, em uma mesma espacialidade, vários posicionamentos que seriam, a rigor, incompatíveis. Pensemos no *Aleph* de Borges.

Por sua vez, o tema da “estética da existência”, núcleo central da problemática inaugurado pelo que os comentadores foucaultianos costumam chamar de “ter-

ceiro Foucault”, determina, a partir de uma análise da modernidade e da figura proposta por Charles Baudelaire — em que este designou de “dândi” (*O pintor da vida moderna*) —, que a arte, o ‘fazer’ arte, está para além do objeto artístico. Trata-se de fazer da própria vida, obra de arte.

Trabalhando, simultaneamente, com as duas idéias foucaultianas, Beatriz Scigliano Carneiro estabelece uma formidável interpretação da obra de Lygia e Hélio. Os espaços que estes artistas construíram em seus processos criativos forma *espaços outros*, para utilizarmos a noção proposta por Michel Foucault, tão cara à autora. O livro inicia-se apresentando a noção em questão, vinculando-a ao tema da estética da existência, isso porque, pensar a arte em termos de construções de novas espacialidades para a produção da arte seria, antes de mais nada, instituir que estaríamos falando de arte que toca o corpo, que fala ao corpo, que é corpo; uma arte que se faz com o corpo.

A apresentação da arte de Oiticica e de Clark, sob esta perspectiva, enseja à autora a fazer delas mundo. Mundo que é Casa e Abrigo, acolhimento e desafio. Na apresentação da obra de Lygia, Scigliano introduz a noção de que o “Corpo é a casa”. Cuidadosa analisa as experiências que a artista desenvolveu, especialmente as denominadas de “A estruturação do Self” e a chamada de “Caminhando”. Momentos extremamente marcantes na obra da criadora dos *bichos*. Da arte terapia ao trabalho de dobra contido no anel de Moebius presente em *Caminhando*, tratava-se de reinventar a arte sob uma novo prisma. A experiência estética não se faria apenas por intermédio do “sopro” criativo de um “gênio criador”, mas por meio da participação efetiva do público, que deixaria, assim, de ser público para ser usuário, ou ainda efetivo autor da *obra*. Estamos diante de uma arte propositiva que acolhe e cria mundos.

Oiticica, por sua vez, é apresentado como construtor de um “Mundo Abrigo”. Morada de penetráveis e casulos, casas e espaços que pudessem conter uma obra “dançável” por aquele que a “vestisse”: o corpo fazendo parte ou mais que isso, sendo constituinte à própria obra. Dos “Quase Cinema” ao “Metaesquemas”, Oiticica vislumbrava a possibilidade de novas construções estéticas que passassem, também, como em Lygia Clarck, pela participação do outro. Pensemos na obra em que “atuaram” juntos: O *diálogo*, em que as mãos dos artistas achavam-se unidas por um tecido que as juntavam como “algemas de afinidades”. Eles uniram vida e arte.

Como se estabelece então o elemento transgressivo da obra? Como esse elemento transgressivo instaura um duro questionamento à idéia de autoria? Essas questões estão de certo modo na linha argumentativa proposta pela autora. Ao recusarem, cada um deles a seu modo, a autoria, pelos menos individual, da obra, Hélio Oiticica e Lygia Clark tornaram-se não só artistas transgressores dos valores estabelecidos à época, tanto no plano estético quanto ético, como também criaram novos mundos, espaços outros de convivência e plenitude. Os artistas fizeram desses espaços outros um manifesto de adesão incondicional à vida. Produziram, ao fim e ao cabo, uma arte vitalista.

Um dos muitos méritos do ensaio de Beatriz Scigliano Carneiro foi o de, partindo das idéias foucaultianas ter sabidamente as utilizado para além daquilo que se propunham; ter transformado em operador conceitual uma noção que, mesmo estando à margem da obra, serve para produzir novas margens à interpretação. Além disso, utilizando o itinerário da construção da obra dos autores, associando-o à sua vida e ao diálogo da constituição da obra em ambos, ter feito bem mais que alinhar biografia e produção artística. O que foi realizado plenamente neste ensaio foi produzir uma imanente crítica às relações.